

Reportagem Especial



APELO DE MÃE

Dor de perder o filho vira luta por paz no trânsito

A tragédia de ter o filho morto fez com que Maribel Bouvier Fonseca transformasse a dor num momento de reflexão coletiva. Em meio ao luto, nesta carta, ela apela para a conscientização da comunidade em prol de mais segurança para os ciclistas, vítimas da epidemia de mortes no trânsito.

MARIBEL BOUVIER FONSECA,
que teve filho morto em uma bicicleta

Me chamo Maribel, sou a mãe do menino Pedro Henrique Bouvier Fonseca Rodrigues, 14 anos, falecido no último dia 25/03, vítima de atropelamento enquanto andava de bicicleta na Rua Pedro Boticário. O fato foi amplamente noticiado pelos meios de comunicação. Ouvimos e lemos algumas opiniões que me deixaram com uma grande tristeza e dúvida: será que ensinei tudo o que sabia para o meu filho?

Acredito que sim, pois o ocorrido foi na faixa de segurança. Li argumentos como “não devia estar andando de bicicleta pela calçada” ou “Para atravessar a rua, devia ter descido da bicicleta e conduzi-la na mão pela faixa”. Realmente a calçada não é para ciclistas, nem para carros estacionados, nem para moto-boys (que muitas vezes driblam os pedestres), skates e tantos outros brinquedos. Sobre o outro comentário, francamente, eu não sabia sobre esta norma de segurança para ciclistas e acredito que somente os ciclistas profissionais sabem. No mais, se o condutor do caminho

não enxergou um menino montado em uma bicicleta, teria enxergado conduzindo-a no meio da rua?

Gostaria de usar este momento de dor para fazer alguma coisa, uma campanha de alerta voltada para as crianças e os adolescentes sobre as normas de segurança no trânsito para ciclistas e equipamentos de segurança para esse veículo. Enviei e-mail para algumas montadoras sugerindo a criação de um manual sobre normas de trânsito para ciclistas, pois quando se compra uma bicicleta, na caixa, só vem o manual de como montá-la e certificado de garantia, não obtive resposta até hoje. O trânsito está cada vez mais horrível.

Veja alguns exemplos: o novo sinal de trânsito “Eu paro na faixa”, onde o pedestre estica o braço para atravessar na faixa de segurança, pegou? Não, não pegou. Quem para? Se o senhor parar, o condutor que vem atrás não para! (Eu não me animo a estender a minha mão, pois é capaz de me arrancarem o braço!). Na Índia daquele trânsito caótico (bicicletas, animais, carros, sem sinalização), parece que todos se entendem (pelo menos é o que mostram os documentários). Claro que devem ocorrer acidentes, mas tem o respeito e o cuidado pela vida do próximo. No Japão, aquelas inúmeras bicicletas parecem que estão em harmonia.

Sei que a cidade precisa de inúmeras obras, mas quem sabe a ciclovias? E a reeducação para condutores de veículos? Nunca vai ser demais falar sobre isso, pois não gostaria de saber que o meu filho amado foi mais um dado para uma triste estatística. No momento, estou participando e tenho contado com a

solidariedade da Fundação Thiago Gonzaga. Quando vejo as fotos nos painéis, sinto uma tristeza em saber que a grande maioria das vítimas era jovem (teriam uma vida inteira pela frente), mas infelizmente continuam a cada semana aparecendo mais mães e pais desesperados com a morte prematura de seus filhos, mas sedentos de mudanças urgentes em relação ao trânsito, à vida...

Fiquei sabendo da “Campanha Vidas Ausentes”, da RBS, e que lá também tem outras exposições, como “Estes são os rostos das estatísticas”. Pensei em montar uma exposição sobre segurança com bicicletas, divulgá-la em escolas. Não sei como fazer, sei que todos os dias chegam notícias horríveis sobre tragédias inimagináveis, que o meu caso não é o único, mas o meu filho é insubstituível. O que posso fazer para mudar isso? Gritar, alertar por mais conscientização, pedir mudanças para toda uma mentalidade no trânsito?

Sei o quanto é difícil esquecer velhos hábitos, e sozinho não tenho força, sou só mais uma anônima. Me sinto como aquele passarinho que tenta apagar o incêndio da floresta... Quando perguntado do porque do ato, ele confirma que sozinho não conseguirá apagar o fogo, mas está fazendo a sua parte. Gostaria de contar com a ajuda de

Gostaria de usar este momento de dor para fazer alguma coisa, uma campanha de alerta voltada para crianças e os adolescentes sobre as normas de segurança no trânsito para ciclistas

quem pode fazer a diferença. Deus permita que o senhor ou a sua família nunca passem por uma experiência como esta, a gente não sabe para que lado ir, a vida continua, só o tempo vai amenizar as coisas, isso é verdade, mas até isso acontecer... É um dia após o outro, se acostumando com a ausência.

Álbum de família



Retratos da infância do garoto Pedro Henrique Bouvier Fonseca Rodrigues, morto em 25 de março passado, aos 14 anos, vítima de atropelamento enquanto andava de bicicleta na Rua Pedro Boticário, em Porto Alegre



Quadruplica o número de mortes de ciclistas

Caiu, feriu. Essa parece ser a regra nos acidentes envolvendo bicicletas, até pela fragilidade do veículo, apontam especialistas consultados por Zero Hora. A situação piora porque, muitas vezes, a queda é resultado de uma colisão contra um veículo muito maior, carro ou caminhão. O resultado é que o número de mortes em acidentes envolvendo ciclistas aumentou 308% entre 1998 e 2008, no Brasil. Índice só inferior ao do aumento de mortes de motociclistas, que foi de cerca de 754%.

A estatística não surpreende Adão Castro Jr., gestor em Transporte Terrestre e especialista em segurança no trânsito. Ele ressalta que a frota de veículos a motor no país aumenta, em média, 8% ao ano – mais de 80% numa década.

– Com políticas de corte de impostos e facilidade de crédito, o país ganhou mais carros. E mais mortes. Infelizmente, no embate entre o automóvel e a bicicleta, todos sabemos quem perde: o menos potente, o menor, o mais frágil. A saída para diminuir o número de acidentes, em qualquer tipo de veículo, passa pelo uso do transporte coletivo – diagnóstica.

O diretor-presidente da Empresa Pública de Transportes e Circulação (EPTC) de Porto Alegre, Vanderlei Cappellari, admite que faltam cicloviárias na Capital (há um plano para desenvolver 495 quilômetros de áreas específicas para ciclistas). Mas enfatiza que só será possível evitar mortes com bicicletas mediante um instrumento: educação.

– Pedestre não é respeitado, nem ciclista. Veículos deveriam manter no mínimo 1m50cm de distância da bicicleta, para evitar atropelamentos pós-queda. Isso não acontece. É preciso campanhas conscientizantes – afirma.

Christine Nodari, doutora em segurança viária e professora do Laboratório de Sistemas de Transportes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), diz que não há qualquer espanto nas estatísticas envolvendo bicicletas. Isso porque esse tipo de veículo envolve exposição total do condutor ao risco contra o corpo:

– Muita gente sequer registra a queda ou acidente, mas quem cai de bicicleta sempre se machuca. Só com campanhas para educação no trânsito se resolve isso.

Vítimas sobre rodas

O crescimento das mortes em acidentes de trânsito no Brasil em uma década:

Tipo de Veículo	Mortes em 1998	Mortes em 2008	Crescimento (ou decréscimo)
Carro	3.663	8.120	121,7%
Pedestres	11.227	9.657	-13,9%
Motocicleta	1.047	8.939	753,8%
Bicicleta	396	1.615	307,8%
Todos os veículos e atropelamentos	30.890	38.273	23,9%

Fonte: Ministério da Saúde

O passeio sem volta de Pedro

Por uma triste coincidência, Pedro Henrique Bouvier Rodrigues morreu no dia em que o atropelamento de 17 ciclistas por um motorista enfurecido em Porto Alegre completava um mês. Poucas horas antes dos ciclistas do movimento Massa Crítica pararem o centro da Capital com um ato de protesto, o garoto de 14 anos passeava de bicicleta pelas ruas do bairro Glória, com um amigo. Pedro estava a um quilômetro de casa, na Avenida Coronel Aparício Borges, quando tentou atravessar a Rua Pedro Boticário. Não reparou que um caminhão Cargo dobrava à direita na rua. O veículo atropelou Pedro, que morreu no local.

O motorista, Thiago Assis, 29 anos, tentou socorrer o garoto, mas não conseguiu salvá-lo. O condutor do caminhão foi submetido a teste de bafômetro, que não acusou consumo de bebida alcoólica.

A bicicleta era a paixão de Pedrinho, o caçula de Maribel e Carlos Rodrigues. Ele tinha ganhado a "bic" no último Natal. Foi a última de várias que teve, apaixonado que sempre foi por passeio em duas rodas. Andava sempre com os amigos, às vezes em alegres bandos pelas ruas da Glória. O sonho de Pedro era ser motorista da Carris, como o pai, revela Maribel.

– Se pudesse, voltava no tempo para pegar ele pela mão e atravessar aquela rua. Se pudesse... – desabafa Maribel.